

STREIA OZMO RUSSO DE ESKENAZY

(Smederevo, Sérvia, 1910; S. Paulo, Brasil, 1999)

por

EMIL ESKENAZY LEWINGER¹

(S. Paulo, Brasil, 1966)



Streia Ozmo Russo de Eskenazy, em meados de 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial. Uma mulher de menos de 35 anos, mas com as marcas do sofrimento que a guerra causou aos sobreviventes.

Acervo: Streia Eskenazy/SP.



Emil Eskenazy Lewinger, neto de Streia Ozmo Russo de Eskenazy, de volta a Belgrado, 75 anos depois (meados de 2016).

Acervo: Emil Eskenazy
Lewinger/SP.

¹ Texto de autoria de Emil Eskenazy Lewinger, pesquisador Arqshoah/Leer-USP, baseado em sua dissertação de mestrado intitulada “Yehudim, djidios, evraioi, židovi, juden. A história da família judia Eskenazy da antiga Iugoslávia”, orientada pela Profa. Maria Luiza Tucci Carneiro. O relato aqui publicado é baseado em acervos pessoais (fotografias, cartas e documentos), além das memórias sobre os episódios narrados por seus ancestrais, principalmente por sua avó Streia Ozmo Russo de Eskenazy. Dissertação disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-25062019-132646/pt-br.php>. Acesso em: 7 out. 2020.

Rompendo o silêncio

Meu nome é Emil Eskenazy Lewinger, filho de Vivetta Lewinger (nascida Eskenazy) e Ivan Lewinger. Nasci em S. Paulo, em 21 de dezembro de 1966. Meus avós paternos eram Milan Lewinger e Ljuba Frohlich, e meus avós maternos Nissim Eskenazy Romano e Streia Ozmo Russo. Pesquiso a história das famílias Eskenazy e Lewinger desde 2008. Foram dois percursos de salvação muito distintos, ambos movidos pela violência nazista. Aqui conto sobre minha família materna, os Eskenazy de Belgrado, hoje capital da Sérvia, no sudeste da Europa. Trato das raízes, ruptura, travessia e refúgio de meus avós Nissim e Streia e de minha mãe Vivetta, descendentes dos Eskenazy, Romano, Ozmo e Russo.



Belgrado, cidade natal da família Eskenazy.
Google Maps.

Antes de tratar das minhas raízes e trajetória dos Eskenazy gostaria de reforçar uma afirmação do historiador Carlo Ginzburg: “Quando não podemos escrever a história dos indivíduos, nos resignamos à história dos seus protagonistas”. As histórias familiares são cada vez mais necessárias e, no caso da Shoah*, urgentes. Posso dizer que escrever a história de minha família é duplamente necessário, já que a Iugoslávia passou por dois períodos de apagamento de memórias. Primeiro, a partir de 1941, com a invasão alemã/Shoah* e

depois, a partir de fins de 1944, quando o governo Tito não priorizou a memória de grupos específicos, como os judeus.^A

A destruição das comunidades judaicas pelos nazistas e pelos colaboradores locais (Ustashe) foi muito rápida, “eficiente” e apagou parte considerável das informações comunitárias. A descrença em um desfecho pior por parte das populações judaicas impediu a guarda de arquivos comunitários em quantidade expressiva. Há controvérsias sobre os números de mortos, mas é um dos mais altos índices da Shoah*: segundo o Yad Vashem, de 80% a 85% morreram na Shoah*. Além disso, não houve até hoje grande interesse no estudo do judaísmo desse país. Era uma comunidade pequena em relação ao judaísmo europeu; dos quase dez milhões de judeus europeus no começo de 1939, apenas 79 mil viviam na Iugoslávia. Estudos sobre o judaísmo iugoslavo são raros e, até a defesa de meu mestrado, não havia estudo detalhado em português.

A- Invasão nazista da Iugoslávia: Em 6 abril de 1941, nos primeiros dias da invasão da Iugoslávia pelas forças do Eixo, a cidade de Belgrado, capital do Reino da Iugoslávia, foi bombardeada. Essa operação militar alemã, conhecida como *Strafgericht* e realizada pela Luftwaffe, destruiu grande parte do centro da cidade e provocou muitas baixas humanas. Esse bombardeamento foi seguido por uma invasão terrestre dias depois, e por ataques em grande escala contra os aeródromos da Real Força Aérea Iugoslava e outros alvos estratégicos por todo o território. A invasão resultou na rendição das forças da Iugoslávia no dia 17 de abril.

Minhas raízes iugoslavo-sefaraditas

Meus avós, Streia Ozmo Russo e Nissim Eskenazy Romano, se casaram em 28 de dezembro de 1929 na sinagoga Bet Israel, em Belgrado. Era a sinagoga “*de los djidios de ariba*”, aqueles que haviam saído de Dorcol, antigo bairro judaico de Belgrado, para residir no centro, em Zuruk. A construção do templo, iniciada em 1908, foi fundamental no processo de integração dos judeus à sociedade local, já que a comunidade, majoritariamente sefaradita, já estava estabelecida economicamente.

A família Ozmo: Nomes e sobrenomes podem indicar profissões, origens geográficas ou *status* dos antepassados. Ozmo é um sobrenome sefardita bastante raro. Antes da guerra, havia famílias apenas na Itália (incluindo em Corfu e, posteriormente, no Egito) e na antiga Iugoslávia. Após a guerra, há registros na Itália, Israel, Iugoslávia e, em pequeno número, nos Estados Unidos e Brasil. Provavelmente remete à cidade de Osimo, no Marche, Itália, próximo a Ancona. As cidades dessa região foram por muitos anos importantes centros de comércio e seus mercadores, incluindo judeus, foram fundamentais na relação Europa/Império Otomano. O primeiro registro da presença de minha família na Sérvia é de 1856. No Censo Judaico aparece meu tetravô Jakov Ozmo, então com 26 anos, nascido em Belgrado. Assim, meus antepassados lá estavam pelo menos desde fins da década de 1820.



Antiquários judeus na Rua Fisheklijska (hoje Bulevar kralja Aleksandra), Belgrado. Foto do catálogo da exposição “Judeus de Belgrado” (jan.-fev. de 2014, Arquivo Histórico da Sérvia). Disponível em: https://www.arhiv-beograda.org/images/publikacije_elektronske_pdf/Katalog_Jevreji_net.pdf. Acesso em: 1º out. 2020.

Em 1861, uma lei restringiu a permanência de judeus no interior da Sérvia, com algumas exceções. Em Pozarevac, um grupo, que incluía meu tetravô Jakov e seu filho Mordehaj, escreveu uma carta ao príncipe regente Milan, protestando contra a ordem de expulsão que dava a eles apenas sete dias para deixar a cidade. Em 1876, Rafael Ozmo, meu trisavô, filho de Jakov, aparece em documentos oficiais, queixando-se ao Ministério de Negócios Exteriores da Sérvia que “... as autoridades municipais de Smederevo interferiram na operação de sua loja e ordenaram que ele a fechasse imediatamente ou ele seria preso e expulso de Smederevo...”. Sobre Jakov e Rafael só conheço essas informações, não conheço nada sobre outros familiares, irmãos, cônjuges etc. além do fato desse último ser o pai de Samuel, meu bisavô, que nasceu em 11 de dezembro de 1874, em Belgrado. Quando Samuel nasceu, Belgrado tinha duas sinagogas. Seu *Brit Mila** foi na “Nova Sinagoga” (El Kal Nuevo), recém-construída e que infelizmente foi destruída por bombardeios austríacos na Primeira

Guerra Mundial, menos de 50 anos depois. Havia também a “Stara Sinagoga” (El Kal Vjezho, Sinagoga Antiga), do final do século XVII, que resistiu às duas guerras mundiais e foi demolida em 1952 para atender a um novo plano arquitetônico para Belgrado, sob protestos da pequena comunidade sobrevivente.



Túmulo de Salomon Russo, falecido em 1925, no Cemitério Judaico de Niš, na Sérvia. Na lápide se lê a inscrição em sérvio: “O túmulo foi mandado construir pelas filhas Klara e Vinuca”. Fotografia: Jasna Ciric, s.d. Acervo: Jasna Ciric/Niš.

A família Russo: O sobrenome Russo é bastante comum entre os sefaraditas. No caso de nossa família, o mais provável é que ele se relacione com a imigração de judeus de Ruse (Rousse), na Bulgária, para a Sérvia em meados do século XIX, adotando a origem como sobrenome. O primeiro registro conhecido da família na Sérvia é de 1895, no Censo Escolar Judaico de Niš. Na casa de Salomon Isaac Russo (meu trisavô) viviam sua mãe Streia, sua esposa Bukas e os filhos Klara, Vinuca (minha bisavó) e Moša.

Meu trisavô era comerciante e, em 1893, tornou-se presidente da *Srpsko-jevrejska trgovacka zadruga u Nisu* (Cooperativa de crédito de comerciantes servo-judeus em Niš). Entre as décadas de 1910 e 1920 ele foi o presidente da comunidade judaica de Niš, que contava com 537 membros.



Barco com corpos de soldados mortos que seriam jogados no mar, próximo à ilha de Vidu, entre 1914-1918. Fotografia não identificado. Disponível em: <https://www.lets-get-lost.com/2011/10/over-the-damned-mountains-1914/>. Acesso em: 7 out. 2020.

Minha avó Streia nunca mencionou o seu avô Salomon Russo, mas falava das *babas Streja e Bukas* e da tia Klara, irmã mais velha de sua mãe. Ao contrário de Vinuca, sua irmã Klara era religiosa e quando vinha visitá-los, Vinuca tinha que usar pratos e talheres especiais e comprar alimentos *kasher**.

O irmão mais novo de minha bisavó Vinuca, Moša, faleceu aos 23 anos durante a Primeira Guerra Mundial. Ele se feriu numa travessia de montanhas na Albânia, para onde o exército sérvio foi “empurrado” pelo austríaco. Foi levado para a

ilha de Vidu, em Corfu, conhecida como “A tumba azul”, pois lá morreram tantos soldados sérvios que, por falta de locais para enterrá-los, eram lançados ao mar. Em uma ameaça de invasão à ilha pelos austríacos, parte dos feridos foi novamente transferida, desta vez para Argel, onde Moša faleceu em agosto de 1918, sendo o único judeu sérvio enterrado no cemitério militar de Argel.

A família Eskenazy: O sobrenome Eskenazy se refere àqueles que têm origem no norte da Europa. Como os Russo, há registro de minha família no Censo Escolar Judaico de Niš de 1895. Nele constam Nissim Eskenazy (meu trisavô); Mazal, sua segunda esposa, e os filhos Menahem, Haim (meu bisavô), Vintura, Mazal, Ester e Malkuna. O seu filho mais velho, Avram (já casado), vivia em outra casa com a esposa Ester, a mãe Bukas (minha trisavó) e o irmão Josef.

Haim, meu bisavô, casou-se duas vezes. Do registro de seu segundo casamento, descobri que ele nasceu em Leskovac, em 1874. Era uma comunidade bem menor que a de Niš e, em 1890, possuía apenas 112 pessoas. O cemitério judaico foi destruído na Shoah*, e apenas nos últimos anos é que foi criado um memorial em seu lugar. Entre os escombros há um pedaço da lápide de Mika (Haim) Eskenazy, que pode ter sido um parente próximo de meu trisavô Nissim, talvez um irmão ou sobrinho que ficou em Leskovac quando parte da família se mudou para Niš.

Meu trisavô Nissim e a esposa Mazal faleceram em Niš, conforme registro na lista do cemitério judaico da cidade, mas não existem registros fotográficos de suas lápides. Quanto aos outros irmãos de meu bisavô Haim, conheço apenas o destino de Menahem, que faleceu em Belgrado nos anos 1920, mas que viveu algumas décadas em Skopje, na Macedônia.

A família Romano: O sobrenome Romano também é bastante comum entre os sefaraditas. A origem remete aos judeus romaniotas, comunidade que chegou ao território da atual Grécia antes da destruição do Segundo Templo de Jerusalém, juntamente com os exércitos de Alexandre. Portanto, estavam na região muito antes da Inquisição e da migração dos sefaraditas – muito mais numerosos – e com os quais os romaniotas acabaram se misturando, mesmo que mantendo costumes próprios. Não são conhecidas as fontes

sobre comunidades romaniotas na Sérvia, sendo provável então que tenham migrado de outros locais já “sefaradizadas”. Tratar-se-iam de famílias que seguiam costumes sefaraditas há algumas gerações e apenas mantinham o sobrenome Romano.

Por meio de informações do Museu Judaico de Belgrado e do Yad Vashem, cheguei à provável composição de minha família: Meus trisavós Samuel Romano e Rica Elias e os filhos Matilda (minha bisavó, mãe de Nissim), Gavra, Nehama, Avram, Ruben e Simon (que sobreviveu a Shoah* e foi parte do único grupo de refugiados judeus recebidos pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial).

A família de meus bisavós Samuel Ozmo e Vinuca Russo: Não encontrei o registro de casamento de meus bisavós nos arquivos de Belgrado. Isso pode indicar que eles se casaram em alguma outra cidade da Sérvia, talvez em Niš. Eles tiveram cinco filhos: Lenka, os gêmeos Rafael e Isaac, e as gêmeas Streia (minha avó) e Debora. Entre o nascimento dos gêmeos e o de Streia e Debora a família se mudou de Niš para Smederevo, onde residiram pelo menos até o fim da Primeira Guerra Mundial. Os nomes de Lenka, Rafael e Isaac constam da lista de alunos do colégio Dimitrije Davidovic de Smederevo em 1916. Dos 358 alunos dessa escola em 1916, 15 eram judeus. Como cidadãos sérvios, os filhos de judeus frequentavam escolas públicas e complementavam sua educação com formação judaica. Apenas em Belgrado existia escola judaica. Em cidades menores funcionavam apenas escolas sabáticas.

Os Ozmo devem ter se mudado de Smederevo para Belgrado em 1919, após a guerra. Lá, Debora e Streia estudaram na Escola Comercial (equivalente ao nosso ensino médio), o que passou a ser comum entre mulheres sefaraditas no século XX. Samuel Ozmo faleceu em 1924 e até a sua morte era presidente do Banco de Produção de Belgrado (Београдска продуктна банка). Minha avó Streia dizia que, antes do banco, Samuel era proprietário de “fazendas de aves” em Smederevo. Ela sempre contava com orgulho que a família possuía vagões de trens onde o nome Ozmo era representado como “Ozm0”, a primeira e última letra simbolizando ovos.

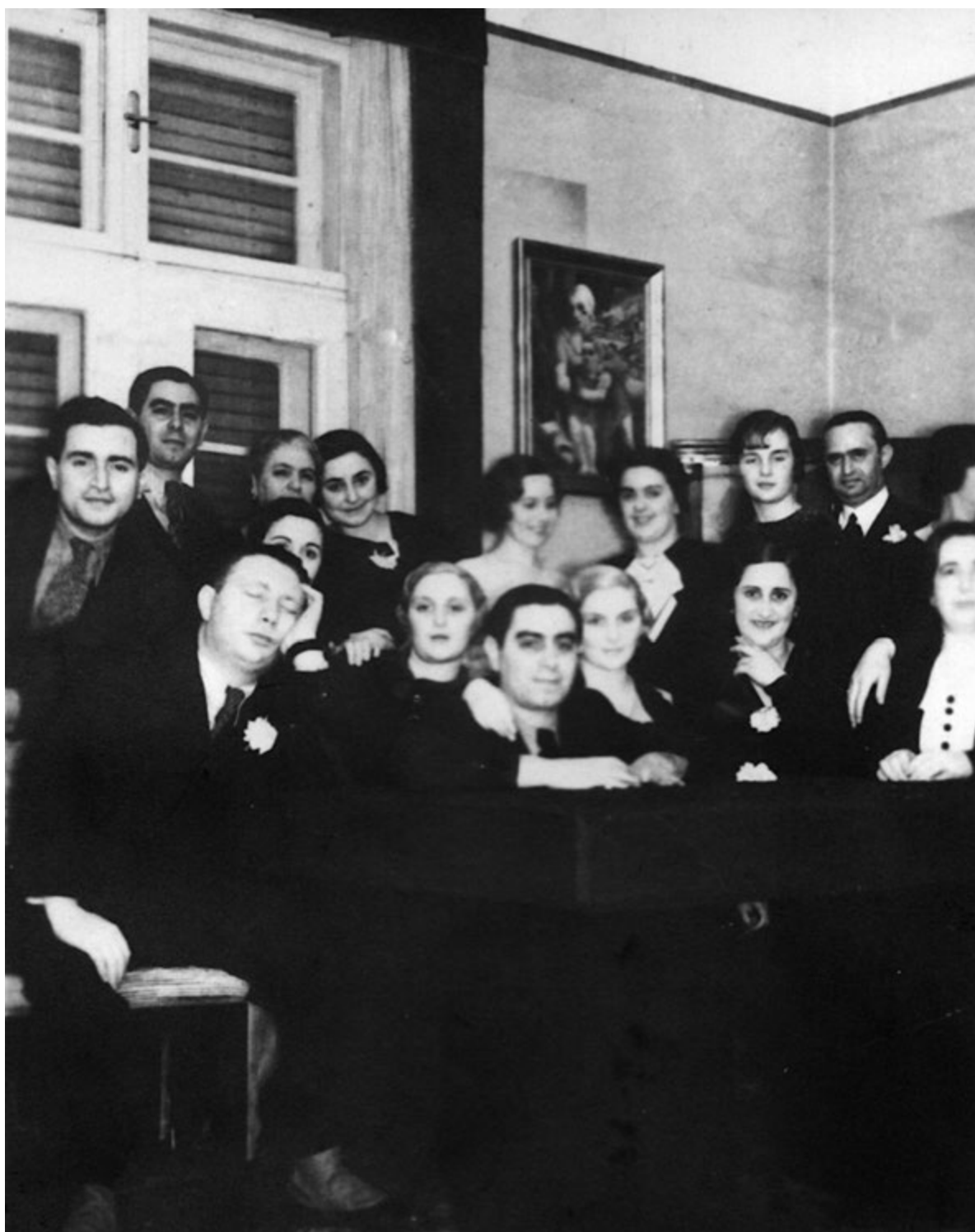
Lenka, a irmã mais velha, casou-se com Isaac Levi e tiveram um filho, Samuel-Mile, nascido em 1928. Isaac era filho de David Levi-Fortuna, búlgaro que chegou à Sérvia em fins do século XIX como mascate e que em vinte anos teve grande sucesso (daí a inclusão do

sobrenome Fortuna). Era o acionista principal do Kolonijalna Banka. Os Levi mantiveram laços com minha família durante várias décadas, tendo compartilhado a fuga e refúgio durante a Segunda Guerra Mundial.



As irmãs gêmeas Debora Medina (nascida Debora Ozmo, quarta da esquerda, última fila) e Streia (segunda da direita, segunda fila), com colegas da Escola Comercial. Belgrado, c. 1925. Fotografia não identificado. Acervo: Debora Medina/SP.

Como era o costume entre os sefaraditas daquela época, os homens se casavam mais tarde, dedicando-se inicialmente aos negócios da família. Isaac, irmão de Streia, se casou com Erna Hertzler em 1937 e não tiveram filhos. Ela era ashkenazita de Virovitica, na Croácia, filha de Hugo e Hermina, mas apesar da origem croata, sua família vivia em Belgrado há algum tempo. O irmão gêmeo de Isaac, Rafael, se casou com Dina-Ela Levi em 1935 e tiveram um filho, Samuel-Mile, nascido em 1937. Ela era de Skopje, na Macedônia, mas sua família também já era radicada em Belgrado há anos (Duda, avó de Dina, faleceu em 1924 em Belgrado). Debora, irmã gêmea de Streia, se casou com Leone Medina, filho de Alfredo e Klara Simon, em 1933 e não tiveram filhos. Os Medina eram uma das mais



Famílias Eskenazy, Ozmo, Medina e Levi. S.l., fins dos anos 1920. Fotografia não identificado. Acervo: Streia Eskenazy/SP.



Casamento de Debora Ozmo e Leone Medina na sinagoga Bet Israel. Belgrado, 9 de abril de 1933. Fotógrafo não identificado. Acervo: Debora Medina/SP. Streia não conseguiu preservar fotografias de seu casamento, realizado em 28 de dezembro de 1929.

antigas famílias sefaraditas que escaparam da Inquisição na Península Ibérica. Há referências à família na Sérvia desde fins do século XVIII, enquanto nos Balcãs/Império Otomano há registros desde o século XVI. A família de Klara Simon era de Niš e lá se fixou em fins do século XIX, vinda provavelmente de Pristina, no Kosovo. Os Medina tinham fortes ligações com Viena, onde existia uma comunidade sefaradita desde fins do século XVIII. Alguns dos irmãos de Alfredo Medina fixaram residência na cidade no início do século XX.

A família de meus bisavós Haim Eskenazy e Matilda Romano: Haim “Mika” Eskenazy e Mazal “Matilda” Romano se casaram em 27 de fevereiro de 1900, na *Stara Sinagoga* de Belgrado. Tiveram cinco filhos: Samuel, Sarina, Nissim (meu avô), Buena (que faleceu com poucos meses) e Lea/Lili. A família esteve ligada à manufatura têxtil até sua fuga de Belgrado, quando da invasão nazista.



“Saudações de Belgrado – Manufatura de Bordados e Tricôs Mika Eskenazy”, cartão postal. Belgrado, entre 1903-1905. Fotografia não identificado. Acervo: Biblioteca Central de Belgrado, utilizado por Jelena Perac como parte da exposição “Cartões Postais Comerciais” no Museu de Artes Aplicadas de Belgrado em junho de 2009.

Minha avó Streia contava que Samuel e Nissim estudaram na Suíça. Samuel era engenheiro químico/farmacêutico, ocupação que manteve até seu falecimento no Brasil nos anos 1970. Nissim era formado em administração e comércio. Samuel casou-se em 1927 com Alis Levic e tiveram uma filha, Matilda. O pai de Alis, Avram, foi importante na história da Sérvia. Durante a Primeira Guerra Mundial, quando era tesoureiro do ministro das Finanças, ao perceber a iminente invasão austro-húngara a Belgrado, ordenou o esvaziamento do Tesouro Sérvio e seu transporte para a Albânia. Num período onde o ouro era o padrão monetário mundial, isso evitou a total falência da Sérvia e permitiu a reconstrução do país após a guerra.

Samuel e Alis se divorciaram em 1935 e Alis casou-se novamente com Ernst Sekel, do qual não conheço nenhum detalhe.

Sarina casou-se com Bencion Aron, com quem teve duas filhas, Sofija e Matilda. Bencion era de uma família de comerciantes búlgaros de Vidin, que se estabeleceram em Belgrado em fins do século XIX. Seu pai Isaac e o tio Nissim eram importantes líderes comunitários judaicos. Há nos arquivos de Belgrado um documento onde a família aparece como a maior doadora durante a década de 1930. Bencion faleceu em 1933. A filha mais velha do casal, Sofija (posteriormente Shulamit), era militante do movimento *Hashomer Hatzair* e antes da Segunda Guerra Mundial emigrou para a Palestina. Para a família, que buscava integração com a sociedade sérvia, isso foi um choque.

Lili se casou em 1932 com Rudolf Magrisso e não tiveram filhos. Rudolf era de uma tradicional família sefaradita que, assim como os Medina, tinha suas raízes na Península Ibérica. Foram rabinos-chefes de Belgrado seu bisavô Azriel Jehiel (1781-1791) e seu avô Josua Rafael.

Nos anos 1920 minha família construiu uma nova residência na Rua Cara Urosa, 11, no bairro de Zuruk, em Belgrado, a apenas um quarteirão da sinagoga Bet Israel e do parque Kalamegdan. Na portada da casa há um brasão com o monograma “Haim Eskenazy/1927”. Minha bisavó Matilda morreu muito jovem, em 1925, com 44 anos. Haim, que na época ainda era bastante jovem, se casou com Mazal Melamed, também viúva. O casamento durou apenas quatro anos, já que ele faleceu em 1932.



À direita, residência dos Eskenazy, à Rua Cara Urosa, 11 Belgrado, s.d.
Google Maps. Acesso em: 1º out. 2020.



Túmulo de Matilda Eskenazy no Cemitério Judaico de Belgrado, s.d. Fotografia não identificada.
Disponível em: <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/aleja/DSCN0051.JPG>.
Acesso em: 15 set. 2020.



Túmulo de Haim Eskenazy no Cemitério Judaico de Belgrado, s.d. Fotografia não identificada.
Disponível em: <http://www.makabijada.com/dopis/gradovi/grobgd/xii/DSCN1345.JPG>. Acesso em: 15 set. 2020.

A família de meus avós Nissim Eskenazy e Streia Ozmo: Como era costume antigamente, esperava-se que eles tivessem filhos rapidamente, mas não era esse o plano deles, segundo Streia. Meu avô tinha tino comercial, destacando-se como homem de vendas na empresa da família, a Manufatura de Bordados e Tricôs Mika Eskenazy. Desde o casamento, em 28 de dezembro de 1929, eles passaram a viajar pela Europa, num misto de lua de mel estendida e busca de novas oportunidades comerciais. Com o falecimento de meu bisavô, a empresa passou a se chamar Manufatura Têxtil de Roupas Samuel Eskenazy e Irmão. Samuel se tornou o presidente; Nissim, o diretor comercial; e Rudolf Magrisso, casado com Lily, o diretor administrativo. Minha mãe Vivetta, filha única do casal, nasceu exatamente cinco anos após o casamento, em 30 de dezembro de 1934.

Em meados de 1938, a empresa começou a buscar novas oportunidades, já que a Europa começava a sentir as tensões que culminariam na Segunda Guerra Mundial. Em abril de 1939, meus avós e minha mãe emigraram para New Haven, em Connecticut, nos Estados Unidos. Menos de seis meses depois, a Alemanha invadiu a Polônia. Eles decidiram voltar para a Europa no começo de 1940, pois ainda não era certo o alcance da guerra. Não queriam deixar os familiares para trás num momento como aquele. Eles viveram pouco mais de um ano em Belgrado, até a invasão alemã em abril de 1941.

Ruptura: a ocupação alemã de Belgrado

A vida dos judeus iugoslavos mudou radicalmente a partir de abril de 1941, quando o antissemitismo se tornou política de Estado e um clima de medo e terror tomou conta de todos em poucos dias. Desde outubro de 1940, o governo iugoslavo já havia aprovado duas leis de exclusão: uma fixava cotas étnicas para os judeus nas escolas secundárias e universidades, e a segunda proibia que eles comercializassem determinados produtos. Apesar de serem minoria no país (menos de 0,5%), os judeus tinham presença expressiva nas universidades (mais de 5%). A situação se agravou após 25 de março de 1941, por ocasião do pacto de colaboração com o Eixo. Nesse momento, as tropas alemãs já se preparavam para invadir a Grécia e estavam estacionadas na Bulgária e Romênia, organizando-se para a Operação Barbarossa, de invasão da União Soviética. Em 27 de

março ocorreram demonstrações contra o pacto em diversas cidades, culminando com um golpe de Estado em 29 de março que destituiu o primeiro ministro Cvetkovic e nomeou um gabinete militar. No dia seguinte, foi comunicado a Hitler que a Iugoslávia permaneceria neutra, que o golpe era assunto interno e que o pacto permaneceria inalterado. Hitler ordenou a invasão imediata da Iugoslávia, utilizando tropas já estacionadas na Bulgária e Romênia. A operação recebeu a denominação Retribuição 25 (*Unternehmen 25*), uma clara alusão ao rompimento do pacto em Viena. A Iugoslávia foi atacada em 6 de abril de 1941 e Belgrado bombardeada pela Luftwaffe por três dias seguidos. Estima-se entre dois e três mil mortos, e 15 mil feridos. Ao final do ataque, 627 edifícios haviam sido totalmente destruídos, 1.601 ficaram muito afetados e 6.829 parcialmente afetados. No dia 15 de abril a *Wehrmacht* já dominava Belgrado, estabelecendo o Comando Central de Ocupação. A Iugoslávia se rendeu incondicionalmente em 17 de abril. Antes do final do mês, o país deixou de existir, sendo dividido entre os países membros do Eixo e o Estado Independente da Croácia. Paralelamente à invasão, a *Gestapo* e a *SS* ocuparam Belgrado e implementaram políticas de cunho racista. Em 16 de abril de 1941, a *Sipo* decretou o registro mandatório de todos os homens judeus. Foram distribuídas faixas amarelas com *JUDE/JEBREJNH* escrito em preto, que deveriam ser usadas sobre a



Registro dos homens judeus como parte da implementação das leis racistas. Belgrado, 16 de abril de 1941. Fotografia: Neubauer. Bundesarchiv. Disponível em: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/81/5a/0a/815a0adca06f2c4137fef5e00f912127.jpg>. Acesso em: 7 out. 2020.

manga da roupa, sob severas penas pelo seu descumprimento.

Antes da própria *Wehrmacht*, em 7 de abril já estava em Belgrado o responsável pela “questão judaica”, Gustav Berger, que iria catalogar e confiscar os bens dos judeus. O Rabinato Central foi invadido e boa parte de seu material saqueado, incluindo listagens de membros e doadores, que permitiria aos nazistas definir prioridades de buscas e extorsão (apesar dessas informações já serem conhecidas pelos invasores, visto que os

bancos alemães operavam na Iugoslávia desde a segunda metade dos anos 1930 e, entre seus principais clientes, estavam judeus).

Além do registro de 16 de abril (somente homens maiores de 16 anos), foi feito outro em 26 de abril para todos os membros da comunidade. Em 26 de maio os alemães haviam contabilizado 8.968 nomes de judeus (7.441 adultos e 1.527 crianças e adolescentes). Com essas informações as ações foram divididas em três fases. Na primeira, entre abril e agosto de 1941, com suporte de colaboradores locais, ocorreu a marcação dos judeus locais, que perderam seus direitos como cidadãos e seres humanos, perderam o direito de ir e vir e foram escravizados com trabalhos forçados nas ruas de Belgrado. Na segunda fase, entre agosto e novembro de 1941, todos os homens adultos maiores de 14 anos foram confinados na localidade de Topovške Šupe, onde se tornaram reféns e foram executados. Estima-se que aproximadamente cinco mil judeus morreram em Topovške Šupe. Na terceira e última fase, entre dezembro de 1941 e maio de 1942, todas as mulheres, crianças e idosos, além de alguns homens sobreviventes da segunda fase, foram levados ao campo de concentração de Sajmiste (entre 8 e 12 de dezembro) e executados em câmaras de gás móveis instaladas em caminhões adaptados trazidos da Ucrânia (entre fevereiro e maio de 1942). Dos 6,5 mil prisioneiros que estavam no campo em 31 de janeiro de 1942, restavam 1.884 no final de abril e nenhum em meados de maio. Em 24 de maio, Franz Rademacher, especialista em questões judaicas, informou a Berlim: “A questão judaica na Sérvia não é mais relevante”.

O destino de minha família

Em menos de cinco semanas, desde a invasão alemã a Belgrado em 6 de abril de 1941, provavelmente já não existia mais oportunidade real de escapatória nem de existência digna para a grande maioria dos judeus. É nesse intervalo de tempo que acredito que Nissim, Streia e Vivetta escaparam. Dos aproximadamente 12 mil judeus que viviam em Belgrado em 1941, em torno de três mil não se apresentaram às convocações para os registros, sejam famílias que já teriam deixado Belgrado antes de 16 de abril de 1941, sejam as que, mesmo ainda estando em Belgrado, decidiram não atender às convocações. O primeiro parece ser o caso de minha família. É possível que Nissim, que mantinha muitos contatos com o exterior,

já tivesse informações sobre o que ocorria com os judeus no resto da Europa. Minha família não aparece em nenhuma das listas de judeus conhecida. Acredito que Nissim, Streia e Vivetta deixaram a cidade num intervalo de tempo que vai de alguns dias antes até alguns dias depois de 6 de abril de 1941. Todos os demais membros da família que não deixaram Belgrado morreram na Shoah*, mas há poucas informações sobre como teriam morrido. Supõe-se que Isaac e Rafael, irmãos de Streia, tenham morrido em Topovške Šupe entre agosto e novembro de 1941. No campo de concentração de Sajmiste, entre dezembro de 1941 e maio de 1942, teriam morrido: Vinuca, minha bisavó; Dina (esposa de Rafael) e seu filho Samuel; Erna (esposa de Isaac) e seus pais Hugo e Klara Hertzler; Matilda, segunda esposa de Haim Eskenazy; Sarina Bencion, irmã de Nissim e sua filha Matilda; Matilda Eskenazy, filha de Samuel, irmã de Nissim; e Alis, mãe de Matilda, ex-esposa de Samuel.

Travessia ou travessias?

O que minha família passou desde a fuga de Belgrado até o seu porto seguro não pode ser traduzido pelo singular “travessia”. Apesar de ser um único processo de fuga, trata-se no mínimo de três travessias, chegando a locais onde encontraram segurança. Comparadas com a Ruptura, essas travessias foram acompanhadas de momentos de relativa tranquilidade, meses ou até anos, novamente rompidos por um novo desenrolar no palco da guerra.

De Belgrado à Dalmácia

De acordo com relatos de sobreviventes judeus sérvios, dois foram os principais percursos utilizados para irem da Sérvia até a Dalmácia, ocupada pelos italianos: O primeiro era o trem de Belgrado a Sarajevo, e de lá, também por via férrea, para Split. Segundo testemunhos, nas primeiras semanas da guerra, enquanto as medidas antissemitas ainda não estavam em vigor, era possível utilizar *laissez-passer* verdadeiros, que autorizavam a viagem, bastando alegar visita a parentes na cidade de destino. Há também relatos de uso de documentos falsos, como identidades em nome de sérvios ortodoxos. Essa via foi mantida durante a guerra, servindo as tropas do Eixo e de aliados. Outros fizeram o mesmo percurso por via

rodoviária, parando em cidades, algumas vezes por apenas algumas horas, outras durante vários dias. Segundo Schelly Levi, neta de David Levi-Fortuna, sua família fez uma parada em Uzice, na metade do caminho entre Belgrado e Sarajevo. Ela não se lembra se foram alguns dias ou semanas.

O segundo percurso era via Montenegro, região dominada pelos italianos, e de lá, pelo mar, até Split. Esse percurso era mais complexo, pois a região é montanhosa e não contava com bons trechos rodoviários, tendo de ser percorrida a pé com o auxílio de guias locais que, muitas vezes, extorquiam os refugiados. Por outro lado, essa precariedade atrapalhava o controle italiano, “facilitando” a travessia até a Baía de Kotor, de onde os refugiados embarcavam para Split.

O fluxo de refugiados aumentou muito a partir de maio de 1941, quando o efeito das medidas antijudaicas começou a ser sentido em toda Iugoslávia. No final desse mês havia quatro mil judeus em Split, e antes da anexação italiana eram menos de mil. Quinhentos judeus estavam na ilha de Korcula e quinhentos tinham sido transferidos para a Itália. O número de refugiados poderia ser bem maior, visto que muitos entraram com documentos falsos e estavam fora do controle das autoridades italianas.

Existiam elementos na lei italiana que permitiam que os judeus, especialmente os mais ricos, fossem transferidos para a Itália continental, onde estariam relativamente mais seguros que na Dalmácia, a poucos quilômetros das áreas ocupadas por alemães e colaboradores croatas Ustashe. As leis previam que apenas os que pudessem “viver por sua conta” teriam direito de entrar na Itália. As decisões em relação a esse assunto eram bastante confusas e nas áreas iugoslavas ocupadas pelos italianos, cada prefeito se comportava de uma maneira peculiar. Parece que não existiu documento oficial com as regras sobre transferência, muito menos o que significava “viver por sua conta”. Pior é tentar compreender essa possibilidade se desde setembro de 1938 a Itália vivia sob leis racistas.

A notícia que um total de 1.045 refugiados havia sido transferido da Dalmácia para a Itália resultou na entrada de um novo contingente de refugiados. Em janeiro de 1942, uma instrução do Ministério do Interior italiano suspendeu qualquer nova transferência e a população judaica na Dalmácia, que era de pelo menos três mil pessoas, foi em grande parte internada em ilhas do Adriático, como Kraljevica (Porto Ré) e, posteriormente, Rab

(Arbe). Esse último foi um grupo “de sorte”. Apenas alguns dias após a capitulação italiana, em setembro de 1943, *partisans** iugoslavos invadiram Rab e transferiram cerca de 90% dos refugiados, dos quais 2,7 mil judeus, para os territórios dominados na Croácia, incluindo minha família paterna, que permaneceu sob a proteção dos *partisans** até o fim da guerra. Os pouco mais de 210 judeus remanescentes que se recusaram ou não tiveram condições físicas para deixar o campo foram capturados pelos alemães, que chegaram a Rab alguns dias após os *partisans**. Todos foram assassinados em Auschwitz no começo de 1944.

Acredito que a trajetória percorrida pelos Eskenazy para alcançar a Dalmácia foi através do caminho de Sarajevo. A única informação oficial que conheço sobre esse período vem da lista de judeus transferidos de Split para a ilha de Korcula. É nesse período que desaparece a família de minha tia-avó Lenka Levi, irmã de Streia. Aron Levi, cunhado de Lenka, já estava em Korcula e havia “arranjado” para que o irmão Isaac e família também pudessem se refugiar na ilha. Segundo Schelly, filha de Aron, eles deveriam ter chegado numa balsa, em um dia combinado com seu pai Aron, mas nunca apareceram. O destino deles ainda é incerto. No Yad Vashem há a indicação que fizeram parte de um grupo deportado de Split para o campo de extermínio croata de Stara Gradiska, em 1943. Não há informações de onde e como Lenka e família viveram entre 1941 e 1943 e como algumas fichas do Yad



Minha mãe Vivetta (ao centro, a criança menor) e soldados não identificados.

Piazza Vitorio Emanuele, Korcula, ilha de Korcula, 1941. Fotografia não identificado.

Acervo: Streia Eskenazy/SP.

Vashem foram preenchidas com os supostos locais de morte, além das informações de que cerca de duzentos judeus capturados em Split foram reencaminhados para Belgrado, onde foram presos e executados no campo de Sajmiste, esse também pode ter sido o seu destino.

Da Dalmácia (Split) a Bardi

Entre novembro e dezembro de 1941, 1.095 refugiados judeus foram transferidos de Split para Fiume (atual Rijeka, na Croácia), num total de 9.151 judeus refugiados internados na Itália. Desses, 1.803 foram para o campo de confinamento fechado/concentração em Ferramonti de Tarsia, na província de Cosenza. Os demais foram distribuídos em 750 localidades, sob o regime de *confino libero*. Não eram propriamente prisioneiros, viviam em casas de famílias ou tinham que alugar casas de moradores locais. Por outro lado, não podiam deixar a cidade e deviam se apresentar todos os dias a *Questura*, a polícia local. A chegada de judeus a essas pequenas localidades era algo bastante inusitado para os moradores. Gabriel de Leon conta que quando sua família chegou à Roza, na província de Vicenza, os habitantes ficaram incrédulos; para eles, judeus eram personagens do Novo Testamento e a maioria nunca tinha tido contato com um. Entretanto, recebê-los significava cumprir ordens de Roma e ao mesmo tempo garantir algum dinheiro. O grupo de Gabriel foi recebido na estação de trem pelo comandante dos *carabinieri*, seus auxiliares e pelo padre. Apesar da maioria tê-los recebido de braços abertos, havia desprezo e desconfiança por parte dos *Camicie Nere* (Milícia Fascista Voluntária).

Minha família fez parte da sexta (e última) viagem a bordo do AC Cattaro, que deixou Split em 15 de dezembro de 1941 em direção a Fiume. De lá foram para a província de Parma: Nissim, Streia e Vivetta, integrantes do grupo de quinze internados em Bardi; Lilly e Rodolfo Magrisso, integrantes do grupo de vinte e sete internados em Bedônia; e Sima Romano (tio de Nissim) e família, integrantes do grupo de dezessete internados em Zibello. Não há registro em Split de Debora e Leone Medina, irmã e cunhado de Streia, mas seus nomes constam como internados, inicialmente em Canelli, Asti e, posteriormente, em Ferramonti. É provável que tenham percorrido outra rota para alcançar a Itália.

Sabemos sobre a vida dos refugiados em Bardi através do relato de Schelly Levi. Os adultos não tinham empregos fixos, viviam de ajuda do governo e “bicos”, comprando e vendendo produtos. As mulheres cuidavam das casas e dos filhos, mantinham algum contato com a população local, embora limitado pela barreira do idioma, que também impedia as crianças de frequentar escolas. Imagino que as crianças tiveram ao menos uma educação básica, já que todo o grupo, incluindo as mulheres, tinha pelo menos formação equivalente ao atual ensino médio.



Os quinze refugiados de Bardi. Da esquerda para a direita, na primeira fila: Schelly Levi, Vivetta Eskenazy e David-Dido Levi; na segunda fila: Josef Bencion, Rachel Bencion (nascida Danon), Riki Finzi Kabiljo, David-Dico Levi, Vojka Bencion, Lilly Bencion, Streia Eskenazy e Elsa Levi (nascida Bencion); terceira fila: Laura Levi (nascida Modiano), Avram Levi, Nissim Eskenazy e Aron Levi. Bardi, Parma, c. 1943. Fotografia não identificado. Acervo: Streia Eskenazy/SP.

De Bardi à Suíça e a Galbiate

Entre 2,5 e três mil judeus que viviam abaixo da linha de armistício italiano de setembro de 1943, refugiados em Ferramonti e outras cidades, principalmente Nápoles, sobreviveram à guerra. Por outro lado, aproximadamente 43 mil pessoas classificadas como “judias”, no centro e norte da Itália, morreram na Shoah*, apesar dos apelos da comunidade judaica

internacional, que com a queda do fascismo, já percebia que a invasão alemã custaria milhares de vidas. Em 10 de julho de 1943, os Aliados tomaram a Sicília, e em 3 de setembro do mesmo ano, a Calábria. A comunidade judaica internacional apelou aos Estados Unidos para que transferisse urgentemente refugiados em cidades do norte para Ferramonti, que já se encontrava em zona sob o controle dos Aliados, mas apenas uma pequena parte conseguiu efetivamente se dirigir ao sul.

Também existia a possibilidade de escapar para a Suíça, e dos 9.171 refugiados judeus internados na Itália, 844 (9,2%) optaram por esse caminho e conseguiram atravessar a fronteira. Entretanto, não se sabe quantos tentaram o mesmo e foram capturados. No total, 1.060 (11,5%) refugiados judeus internados na Itália foram deportados, muitos deles capturados onde estavam confinados ou em fuga em direção ao norte ou ao sul.

A minha família

Os refugiados de Bardi optaram pelo caminho do norte, em direção à Suíça, e não para o sul, em direção à região já dominada pelos Aliados. Não conheço o que os levou a essa decisão. Meu avô Nissim e seu irmão Samuel haviam estudado na Suíça quando jovens e podem ter criado laços que certamente os ajudariam a sobreviver nessa fuga. Por outro lado, refugiados de cidades próximas a Bardi optaram pelo caminho contrário, em direção ao sul. Segundo Schelly Levi, Maria, uma moradora de Bardi, se tornou amiga do grupo de internados e pode ter ajudado nessa escolha. Ela conhecia contrabandistas, acostumados com os caminhos para atravessar os Alpes sem ser capturados pelos soldados alemães. Em outubro de 1943, há um registro de meu avô na *Questura* de Bellagio, cidade no entorno do Lago de Como e próximo à fronteira da Suíça. Isso poderia indicar que ele atuou como “representante” do grupo, indo se encontrar com os tais contrabandistas para combinar a travessia, enquanto os demais permaneceram em Bardi. Outro fato ligado a tal travessia é que antes de deixar Bardi, todos os refugiados foram batizados na igreja local. Podem ter acreditado que uma vez batizados, poderiam deixar as crianças na Itália, cientes dos riscos da travessia dos Alpes.



Senhora não identificada, “Zia” e Vivetta. Galbiate, 1944. Fotografia não identificada. Acervo: Streia Eskenazy/SP.

Entretanto, segundo Schelly, no último momento, seus pais, Aron e Elsa Levi, decidiram que seus filhos os acompanhariam na travessia: “Se vamos nós, vamos todos”, era o que seus pais lhe disseram após a guerra. Meus avós decidiram que Vivetta ficaria na Itália aos cuidados de um casal italiano, que é identificado apenas por *Zio* e *Zia* (tio e tia, em italiano) no acervo



Grupo de refugiados durante a travessia para a Suíça, entre os quais estão alguns dos refugiados de Bardi. A família de Schelly Levi é a primeira na fila e ela é a menina que aparece no meio desse grupo. Dezembro de 1943. Fotógrafo não identificado. Acervo: Schelly Levi/Miami.

fotográfico de minha avó Streia. Nunca soube seus nomes, apesar de minha mãe ter mantido contato e os visitado algumas vezes. Durante a guerra viveram em Galbiate, a 50 quilômetros de Milão. Vivetta estudava numa escola de freiras, provavelmente um semi-internato. Durante esse período, Vivetta – que já falava italiano fluentemente – era apresentada como uma sobrinha órfã do casal.

O grupo de Bardi se separou em meados de dezembro de 1943. Enquanto os registros indicam que os Levi-Bencion atravessaram a fronteira em dezembro, os registros da entrada

de meus avós são de janeiro de 1944. A provável rota das travessias passou por Cernóbio (Itália), cruzando o Monte Bisbino e, pelas montanhas, alcançando Bruzella, na Suíça. A rota, em torno de dez quilômetros, poderia ser feita em aproximadamente três a quatro horas, mas, segundo Schelly, seu grupo tardou dois dias e apenas ao anoitecer da segunda noite chegaram a Bruzella.

Na Suíça e em Galbiate até o final da guerra

Os que conseguiram cruzar a fronteira da Itália com a Suíça eram encaminhados para os campos de refugiados (*Flüchtlingslager*). Deviam informar a profissão, se tinham contato na Suíça que os pudesse ajudar e, por fim, passar por 21 dias de quarentena. Caso não tivessem contatos, deveriam depositar certo valor (*Kautionen*) como garantia de sua permanência, algo praticamente impossível. Existiram dois tipos de campos: os de trânsito e os de longa estadia (onde a maioria permaneceu). Os homens maiores de 16 anos foram enviados a campos de trabalho (*Arbeitslager*), com regimes de 44-48 horas semanais e passes quinzenais. Mulheres e menores de 16 anos foram para Casas de Refugiados (*Flüchtlingsheim*), muitas vezes distantes dos campos de trabalho. Os

que proviam garantias tinham livre estada (*Freiplatz*), normalmente em pequenos hotéis e pensões.

Com a sinalização do fim da guerra, as diferenças ideológicas, políticas e sociais até então existentes entre os judeus iugoslavos se refletiram na atitude em relação ao possível retorno ao país. Apenas um quinto dos refugiados judeus da Iugoslávia na Suíça (em torno de 180) pediu repatriação, enquanto a maioria preferiu voltar para a Itália, pensando em migrar para outros países, como os Estados Unidos ou Palestina. Os principais motivos para os refugiados não retornarem à Iugoslávia foram pessoais: com as notícias sobre a Shoah*, os refugiados perceberam que, provavelmente, eram os únicos sobreviventes de suas famílias, e aqueles que ficaram no país seguramente teriam sido mortos; e políticos: os *partisans** tinham orientação comunista e, pelo histórico soviético, os que tinham bens e propriedades certamente não os recuperariam.

Depois de passar pelos campos, meus avós se instalaram em Lausanne, onde moraram em uma pensão na região montanhosa da cidade. Durante os aproximadamente 13 meses que lá permaneceram, nunca receberam notícias de minha mãe. Todos os adultos da família Levi-Bencion também se estabeleceram em Lausanne após alguns meses.



Os primeiros e difíceis tempos na Suíça. Streia e Laura Levi (em primeiro plano à frente do grupo), em local próximo a Lugano. Suíça, meados de 1944. Fotógrafo não identificado. Acervo: Streia Eskenazy/SP.



Apesar dos tempos de guerra, alguma dignidade. A partir da esquerda: Hella e Rudi Melamed, Lili Bencion, Nissim, Vojka Bencion e Streia. Lausanne, meados de 1944. Fotografia não identificado. Acervo: Streia Eskenazy/SP.

Os refugiados não tinham uma fonte de renda garantida pelo governo. Segundo Schelly, seus pais conseguiram alugar um quarto em um apartamento e, inicialmente, seu pai tentou trabalhar numa fazenda colhendo feno, mas como não era acostumado com o serviço pesado do campo, foi logo dispensado pelos fazendeiros. Dedicou-se então à fabricação artesanal de sacolas de compras, pouco usadas na época. Eram apenas algumas poucas vendas, mas era a principal fonte de renda da família. Não sei se meu avô Nissim também participou do negócio.

Enquanto os adultos viviam em Lausanne, Schelly e o irmão foram alojados numa casa de dois irmãos em Grosch, na região oriental da Suíça. Segundo ela, foram bem tratados durante os quase dois anos que lá estiveram. Além disso, a comunidade judaica também providenciou um professor particular de cultura judaica e hebraico. Sabemos que não foram todas as crianças refugiadas que receberam tal acolhida. Apesar de em geral os suíços terem demonstrado solidariedade, e do fato de que morar em residências era muito melhor do que o ambiente desolador dos campos, muitos dos anfitriões viam o aluguel de quartos apenas como uma fonte de renda, havendo relatos de privações.

Ao final da guerra não havia na Iugoslávia mais ninguém de minha família, e restava apenas um Levi, que foi um *partisan**. Segundo Streia, tratava-se de uma decisão muito dolorosa, mas ao mesmo tempo “simples”. Apesar de Tito ter revogado as leis antissemitas em outubro de 1944 e, no mesmo dia, assinado uma lei de restituição de propriedades para cerca de mil judeus que tinham ficado no país e igualmente para os que desejassem voltar, retornar provavelmente nunca fez parte dos planos de minha família. Além disso, minha mãe havia ficado na Itália e meus avós não tinham notícias de seu destino. Streia contava com certo orgulho que durante os quase 15 meses distantes de Vivetta, toda sexta-feira eles “celebravam” um *Yom Kipur**, uma tentativa de se aproximar espiritualmente da única filha que tinham forçosamente deixado para trás. Nesse meio tempo, minha mãe já tinha uma nova vida na Itália. O reencontro com meus avós foi um processo bastante doloroso para todos, inclusive para *Zia* e *Zio*. Por outro lado, apesar da relativa tranquilidade italiana, a experiência no colégio de freiras foi traumática para minha mãe. Por algum tempo, ela tinha vergonha de sua origem e sofria com pesadelos, pois as freiras contavam histórias horripilantes sobre os judeus.

Refúgio(s)

Em uma Europa destruída pela guerra, principalmente para os judeus, era necessário recuperar o direito à identidade, condição arrancada pelo nazismo. No entanto, parte considerável dos refugiados tinha motivos para não querer voltar aos seus países, movidos por seus sentimentos de repulsa e trauma. Como fazer? Continuar como apátridas, vivendo em um estado de limbo, um “não *status*”, um não pertencimento? Essa era a situação de minha família, que permaneceu em Milão após a guerra, já que qualquer lugar que garantisse um mínimo de dignidade era um prêmio.

Pouco conheço sobre a vida deles nesse período. Sei que com o auxílio de passaporte apátrida da Cruz Vermelha Internacional, conseguiram receber visto para vir para o Brasil, mesmo que temporariamente (conforme consta na ficha consular de qualificação de Nissim, emitida pelo consulado-geral do Brasil em Livorno, em 27 de novembro de 1946).



Vivetta e Streia na janela do apartamento onde moraram em Milão após a guerra, 1946. Acervo: Streia Eskenazy/SP.

Juntamente com os Medina (família da irmã de Streia), os Eskenazy embarcaram em Gênova no vapor San Giorgio, que após a guerra, em fevereiro de 1947, realizava sua primeira viagem na linha da América do Sul. Na lista de passageiros constavam: minha família, “ainda” se declarando católica; os Medina, se declarando judeus; e primos dos Medina, se declarando cristãos ortodoxos. Segundo Schelly Levi – que também veio para a América do Sul após alguns anos, dirigindo-se primeiro para a Argentina e depois para a Colômbia –, eles continuaram se declarando católicos até quando a religião foi abolida dos registros pessoais.



Cruzando o Atlântico em direção ao Brasil. Vivetta, Streia e Nissim a bordo do vapor San Giorgio, fevereiro de 1947. Fotografia não identificada. Acervo: Streia Eskenazy/SP.

As famílias desembarcaram no Rio de Janeiro em 20 de fevereiro de 1947 e se estabeleceram em Sta. Tereza. Como a maioria dos sobreviventes da Shoah*, chegaram praticamente sem nenhum dinheiro. Não conseguiram se estabelecer como comerciantes, pois não dispunham de capital para abrir o próprio negócio. Outra dificuldade foi a falta de conterrâneos que os apoiassem, como acontecia com os imigrantes alemães, poloneses, russos ou romenos. Em associações ou sinagogas, a comunicação era em ídiche*, desconhecido dos sefaraditas. O pouco que falavam de ladino (parecido com o espanhol) era insuficiente para se comunicar com os brasileiros. O francês, o “idioma internacional”, ajudava em algumas situações, mas, no dia a dia, a conversação era muito difícil.

Nos meses seguintes a situação não melhorou, e o clima quente do Rio de Janeiro também não agradava. Ainda em 1947, minha família decide se mudar para o Uruguai, e os Medina se transferem para S. Paulo. A passagem de um navio proveniente da Europa, que ia em direção ao Uruguai conduzindo algumas famílias iugoslavas, inclusive alguns dos refugiados que estavam junto com minha família em Bardi, foi um fator decisivo para

a mudança. Eles receberam cidadania uruguaia em dezembro de 1948. Pelos próximos dezoito anos, meu avô trabalhou como representante comercial têxtil, e minha mãe voltou a estudar, concluindo o Liceu em 1950, o Preparatório em 1953, ingressando depois na Faculdade de Arquitetura, onde se formou em 1959.

Durante o curso na faculdade, em 1954, minha mãe, juntamente com colegas estudantes de arquitetura, passaram algumas semanas em S. Paulo, onde participaram das comemorações dos 400 anos da fundação da cidade. Eles vieram conhecer uma das maiores obras arquitetônicas da América Latina: o Parque do Ibirapuera, projetado por Oscar Niemeyer. Minha mãe se hospedou na casa de seus tios Medina, que na época moravam na Rua Cásper Líbero, no centro, e se relacionavam muito bem com o pequeno grupo de sobreviventes judeus iugoslavos que se fixou no Bom Retiro. Entretanto, foi na Vila Mariana, onde residiram antes do centro, que Leone Medina operou durante alguns anos seu primeiro negócio como sócio de uma pequena fábrica farmacêutica de Rodolfo Sprung, com quem conviveu como refugiado em Ferramonti, na Itália. Por intermédio dele, Leone conheceu meu pai, Ivan Lewinger, de Zagreb. Em meados dos anos 1960, Leone resolveu fazer um “shiduch”, e meu pai foi visitar a família Eskenazy, que agora morava em Buenos Aires.

Meus pais se deram muito bem e em apenas alguns meses, em 18 de junho de 1965, se casaram na sinagoga Beth-El em S. Paulo. Minha mãe, Vivetta Eskenazy, passou a se chamar Vivetta Lewinger. Meus avós, Nissim e Streia, agora “sozinhos” em Buenos Aires, decidiram se mudar para S. Paulo (na verdade eles eram muito sociáveis, saíam todas as noites e ainda tenho centenas de fotos de suas reuniões). Chegaram aqui e se estabeleceram na Rua Pio XII, na Bela Vista, onde permaneceram como aposentados até a morte (inesperada, até porque não prematura) de meu avô em 3 de outubro de 1978. Minha avó Streia passou a viver conosco, na Rua Rafael de Barros, no Paraíso. O edifício onde vivíamos havia sido incorporado e construído por Rodolfo Sprung, vendido para conhecidos judeus e também alguns médicos, colegas do genro de Rodolfo.

Foi lá que vivemos até a morte de minha mãe. Ela passou por um longo processo de câncer e metástase e faleceu prematuramente em 30 de agosto de 1988, aos 53 anos. Para tornar a tragédia ainda maior, essa era a data do aniversário das gêmeas Streia e Debora (e também de minha avó paterna Ljuba, que faleceu nos anos 1950, muito antes de meu nascimento).



Vivetta sendo conduzida por Nissim para o seu casamento na sinagoga Beth-El em S. Paulo. Acervo: Emil Eskenazy Lewinger.

Streia Ozmo Russo de Eskenazy

Durante os próximos dez anos em que Streia viveu, o dia 30 de agosto, que deveria ser de júbilo, transformou-se em data de muito lamento. Mesmo com todo o seu “joy de vivre”, sempre pronta para sair, ir a restaurantes, concertos, praias, quando se aproximava o dia de seu aniversário, ela se retirava para pensar na vida.